

REPRESENTAÇÃO DA INFÂNCIA EM NARRATIVAS DE MIRIAM ALVES

Representation of childhood in narratives by Miriam Alves

Mikaela Vitoria Paulino Lins

mvpl2@discente.ifpe.edu.br

Thiago da Camara Figueredo

thiago.camara@cabo.ifpe.edu.br

RESUMO

O presente artigo pretende analisar a representação da infância na literatura contemporânea de língua portuguesa e apresentar como a infância tem sido narrada nas obras de Miriam Alves. A autora foca sobretudo na representação da infância feminina negra e, em contraste, na infância masculina branca, convidando o leitor e o analista a refletirem com atenção especial à forma como a infância é tratada. Neste artigo, além de obras ficcionais de Miriam Alves, foram utilizados estudos teóricos da História, da Teoria da Literatura e da Crítica Literária relacionados ao tema. Inicialmente faz-se uma análise breve sobre a mimesis a fim de lançar luz sobre as especificidades da representação da realidade em textos ficcionais para, posteriormente, iniciar uma análise geral e histórica sobre a infância negra masculina e feminina na literatura infantojuvenil. Assim, observa-se de que maneira os valores são fabricados dentro das narrativas, o que permite questionar de que modo essas obras se assemelham com a realidade e o quanto elas podem influenciar a sociedade que as recebe. Para concluir, analisa-se em profundidade as representações da infância nas narrativas de Miriam Alves, dando um foco maior na identidade feminina negra.

Palavras-chave: infância negra; representação; Miriam Alves.

ABSTRACT

This article aims to analyze the representation of childhood in contemporary Portuguese-language literature and to present how childhood has been narrated in the works of Miriam Alves. The author focuses mainly on the representation of black female childhood and, in contrast, on white male childhood, inviting the reader and analyst to reflect with special attention on the way childhood is treated. In this article, in addition to fictional works by Miriam Alves, theoretical studies of History, Literature Theory and Literary Criticism related to the theme were used. Initially, a brief analysis of mimesis is made in order to shed light on the specificities of the representation of reality in fictional texts and, later, a general and historical analysis of male and female black childhood in children's literature is conducted. Thus, it is observed how values are manufactured within the narratives, which allows us to question how these works

resemble reality and how much they can influence the society that welcomes them. To conclude, the representations of childhood in Miriam Alves' narratives are analyzed in depth, giving a greater focus on black female identity.

Keywords: Black childhood; representation; Miriam Alves.

1 INTRODUÇÃO

As especificidades da infância são pouco exploradas nas narrativas e sua presença está, muitas vezes, associada pelo senso comum a um momento em que o indivíduo pode viver sem responsabilidades ou preocupações. No entanto, podemos encontrar algumas exceções, pois alguns autores descrevem a infância como um momento difícil e traumático, em que seus personagens enfrentam problemas considerados graves demais para sua idade, como depressão, violência, preconceitos, e abandono, por exemplo. Em razão das variadas formas através das quais a infância pode ser representada na literatura, faz-se importante investigar a construção do sentimento de infância; questionar de que modo essas obras se assemelham com a realidade; e o quanto elas podem influenciar a sociedade que as recebe. Philippe Ariès, em seu livro **História Social Da Criança e da Família**, publicado em 1981, aponta que o sentimento de infância não está somente caracterizado por questões biológicas, e sim pelo processo histórico que passou por várias mudanças para significar o que hoje entendemos por família e infância.

Por meio da observação identificada em Ariès, que utiliza documentos históricos e obras de arte para dar sentido ao conceito de infância, pode-se compreender o quanto uma narrativa dialoga com o conjunto de valores da sociedade em que aparece. Baseando-se nisso, este presente artigo, intitulado *Representação da Infância em Narrativas de Miriam Alves*, busca realizar uma análise da infância nos livros **Mulher Mat(r)iz** e **Maréia**, de Miriam Alves (2011; 2019), livros que têm como foco a representação da infância feminina negra e, em contraste, a infância masculina branca, convidando o analista a refletir com atenção especial à forma como a infância é tratada. Durante todo o projeto, foi necessário realizar uma série de pesquisas voltadas para a vida e as obras de Miriam, além de leituras aprofundadas nos estudos de Ariès (1981), Costa Lima (2003), Cunningham (1995), Gélis (2009) e de uma coletânea de ensaios organizada por Del Priore (2000), para compreender a influência que as narrativas literárias têm sobre a humanidade, mais especificamente, sobre a infância, expondo como a literatura pode favorecer ao leitor refletir sobre o modo de a sociedade compreender a infância e a identidade da criança. Crê-se, assim, conseguir preencher algumas lacunas ainda existentes sobre o tema, inclusive por se ocupar de grupos sociais menos representados, que é o caso da infância feminina negra e de uma escritora negra contemporânea.

2 METODOLOGIA

A fim de que houvesse apropriação de um pensamento científico sobre a infância, foi realizada, durante todo o projeto, uma sequência de leituras e estudos, referentes às obras de Costa Lima (2003), Cunningham (1995), Gélis (2009) e artigos científicos como *O Negro na Literatura InfantoJuvenil Brasileira*, de Katia e Luciana Silva (2014). Leituras que impulsionaram o projeto através da elaboração de fichamentos e resumos a respeito de cada título analisado.

Além disso, foi necessária a leitura de artigos sobre a vida e a obra de Miriam Alves, além da leitura analítica dos livros **Maréia** e **Mulher Mat(r)iz** (2019; 2011), para uma releitura crítica que tinha como objetivo a reavaliação das hipóteses que orientaram a proposta da pesquisa. Também foi necessário estudar o livro de Philippe Ariès (1981), **História Social da Criança e da Família**, e o livro **História das Crianças no Brasil**, de Mary Del Priore (2000).

As análises estão aqui postas em diálogo e apresentadas em formato de relatório final e de artigo científico. Os métodos utilizados demonstram como esta pesquisa se caracteriza como bibliográfica.

3 DESENVOLVIMENTO

3.1 História da Criança e da Infância

Ariès relatou em seus estudos que a passagem da criança pela família e pela sociedade era muito breve para que houvesse tempo ou razão para ser observada ou descrita na literatura até após a Idade Média (ARIÈS, 1981, p.10). Ao utilizar registros da época, o historiador demonstra que, até o fim do século XIII, não existiam crianças caracterizadas na literatura, na escultura ou na pintura por uma expressão particular, e sim homens de tamanho reduzido. A razão disto é que,

naquele período, utilizar homens de baixa estatura rendia às obras um prestígio que uma criança jamais conseguiria proporcionar (ARIÈS, 1981, p.51). Só a partir do final do século XVI, como resultado de uma cristianização mais profunda dos costumes (CUNNINGHAM, 1995, p. 52), de uma maior privação da família face à exposição pública (ARIÈS, 1981, p. 138), e também de uma mudança na atitude ocidental em relação à vida e ao corpo (GÉLIS, 2009, p. 318), surge uma nova sensibilidade que passa a reconhecer uma particularidade nas crianças e a sua representação realista através da mimesis começa a se elaborar.

3.2 Mimesis e Modernidade

Luiz Costa Lima (2003) descreve o conceito de mimesis como o ponto de partida para o estudo da literatura e das artes em geral, ressaltando o fato de que a mimesis está incluída na ficção e é justamente o dispositivo que estabelece uma relação entre a ficção e o real, o que a torna o melhor caminho para compreender e analisar a forma como a infância é tratada e explorada nas narrativas. Por meio da análise do livro de Luiz Costa Lima, **Mimesis e Modernidade** (2003), pode-se compreender que a mimesis usa representações sociais para problematizar valores de uma dada comunidade através da ficção. A ficção ativa, assim, uma relação de semelhança e de diferença com a realidade que representa. Por isso, a mimesis é o elemento que seleciona e combina referentes da realidade para a produção de uma narrativa ficcional, permitindo que o imaginário realize algo que, embora possua a sensação de real, não tem existência fora do texto. A sensação de real, o efeito de possibilidade de existência do texto ficcional, de seus valores e ideologias, é suficiente para que o leitor possa significar não só o mundo do texto, como ainda refletir sobre a organização de seu próprio mundo, o mundo extratextual.

3.3 A Representação Da Infância Feminina Negra Na Literatura Brasileira

Durante a infância, a humanidade experimenta um processo intenso de aprendizado de desenvolvimento. É justamente por isso que os livros podem funcionar para as crianças como uma porta de entrada para o autoconhecimento, levando-as, nas primeiras leituras, a iniciação delas na construção da sua própria identidade, contribuindo para a construção de sua própria visão sobre o mundo, a família, a sociedade e seus valores.

De acordo com a professora Luciana Silva (2014) às primeiras edições brasileiras voltadas para o público infantil tiveram grande influência europeia, principalmente portuguesa, sendo as narrativas apenas adaptadas à linguagem brasileira. Essas narrativas já possuíam seu propósito estabelecido, que era o de formar e de fortalecer a burguesia desde o berço com suas histórias e prosas. Os escritores escreviam para pessoas de posse, que eram os seus consumidores, gerando assim histórias repletas de personagens brancos, com pouca ou nenhuma ligação com pessoas negras. Segundo Brokshaw (2011), a figura do negro na Literatura Brasileira anterior a 1850, antes da abolição do tráfico de negros escravizados, era praticamente inexistente. Como a professora Suely Dulce de Castilho mesmo aponta, os escritores “estavam do lado dos opressores e não poderiam dar atenção aos oprimidos” (CASTILHO, 2004, p.104). Isso acontecia porque a população negra dessa época em sua maioria não sabia ler, sendo poucos os casos de exceção, portanto, em decorrência disso, os autores não viam sentido em escrever para uma população que não consumiria suas produções literárias.

No início do século XX surgiram no Brasil as obras de Monteiro Lobato, que renderam ao escritor o título de precursor da literatura infantojuvenil nacional, dando voz às crianças através dos seus personagens. No entanto, ao analisar a fundo suas obras, conclui-se, que, apesar da sua grande influência literária, Monteiro Lobato não conseguiu criar, através das suas narrativas, um público-leitor crítico, sensível às diferenças. De acordo com a professora Suely Dulce de Castilho (2004, p.114) “Monteiro Lobato foi o autor de obras infantis que mais explicitamente expuseram a negrofobia, através de seus personagens “Tia Nastácia” e “Tio Barnabé”. Pode-se

constatar tal argumento em um trecho retirado do livro **Memórias da Emília** que relata um momento de interação entre uma das protagonistas “Narizinho”, com a empregada do sítio em que ela morava “Tia Bernabé” :

Negra beijuda! Deus que te marcou, alguma coisa em ti achou. Quando ele preteja uma criatura é por castigo. Essa burrona teve medo de cortar a ponta da asa do anjinho. Eu bem que avisei. Eu vivia insistindo. Hoje mesmo eu insisti. E ela com esse beijão todo: ‘Não tenho coragem... é sacrilégio...’

Sacrilégio é esse nariz chato. (LOBATO, 2004, p. 41.)

É problemática a representação da criança negra na literatura infantojuvenil brasileira, já que os primórdios foram marcados por uma formação basicamente eurocêntrica, i.e., feita para leitores ideais brancos, com personagens majoritariamente brancos (SILVA, 2014, p.2). Essa é uma das razões por que carece de uma representação positiva a infância negra, pois a ocorrência dos poucos personagens negros geralmente está associada à criminalidade, já que personagens infantis negros são costumeiramente pobres, escravos ou fora da lei.

As mulheres por sua vez, foi por muito tempo descritas como personagens que eram destinadas a servir e construir uma família, suas protagonistas possuíam características físicas que seguiam um padrão de beleza universal como “loira”, “pele clara”, “magra”, “bonita”, “cabelo liso e longo”. Essa desigualdade entre a idealização da mulher representada e a população feminina brasileira faz com que inúmeras crianças que não se enquadram nesse estereótipo sofram uma série de represálias, principalmente as crianças negras e pobres que se julgam por não encontrar correspondência nas representações que a elas eram dirigidas, pois a criança leitora busca se identificar com o que está lendo, no entanto, a predominância das representações da literatura infantojuvenil ainda recaem sobre a infância branca e o número de histórias que valorizam a infância negra feminina é extremamente baixo e pouco conhecido, isso nutre nas crianças negras um sentimento de inferioridade, tristeza e de não aceitação, fazendo com que desejem mudar quem são, esquecendo

assim suas origens. Algo marcante na identidade feminina negra são justamente os seus cabelos, que são um símbolo racial e cultural altamente forte da cultura negra, mas que também costumam ser o principal alvo da intolerância. Pode-se constatar tal argumento em um trecho retirado de uma declaração da blogueira Ana Carolina Reis, cedida em 2014 ao portal Geledés.

A exclusão era fato, xingamentos, apelidos, ‘musiquinhas’ eram rotineiros. O cabelo? Esse era alvo fácil, era comum me chamarem de ‘cabelo ruim’, ‘neguinha do cabelo duro’, ‘cabelo pixaim’. Outro ponto também é quando se trata de identidade, o cabelo apresenta uma dificuldade de construção da identidade negra em meio a uma sociedade com um padrão ideal de brancura. Pelo fato do cabelo ser o alvo número um de ‘brincadeiras’ e apelidos, a criança negra passa a não gostar de um dos símbolos mais fortes da identidade negra. Querendo assim se desvincular de suas origens. (REIS, 2014, p. 2.)

Segundo Silva (2014) foi somente depois da década de 80 que surgiram livros com novas propostas, cujo principal objetivo era, exatamente, romper com a representação estereotipada dos negros, valorizando suas origens e tradições, como o livro de Ana Maria Machado, intitulado **Menina Bonita do Laço de Fita**, lançado em 1980, que se trata de uma obra repleta de representatividade positiva da infância negra feminina na literatura brasileira. Esse livro conta a história de um coelhinho bem branco que faz de tudo para ficar da cor da menina negra que ele conheceu. A garota negra usa um laço de fita em seus cabelos crespos e o coelho a admira, desejando ter a mesma cor que ela, questionando sempre o porquê de não ter nascido como ela.

O coelho achava a menina a pessoa mais linda que ele tinha visto na vida. E pensava: ‘Ah, quando eu casar quero ter uma filha pretinha e linda que nem ela...’ Por isso, um dia ele foi até a casa da

menina e perguntou: ‘Menina bonita do laço de fita, qual é teu segredo para ser tão pretinha?’ A menina não sabia, mas inventou:

‘Ah deve ser porque eu caí na tinta preta quando era pequenina’.

O coelho saiu dali, procurou uma lata de tinta preta e tomou um banho nela. Ficou bem negro, todo contente (MACHADO, 1980, p.6).

Já na literatura mais recente, aparece a personagem Tayó, do livro **O Mundo no Black Power de Tayó** (2013), de Kiusam de Oliveira. Tayó é uma menina negra que tem orgulho do cabelo crespo com penteado “black power”. Ela se orgulha tanto dos seus cabelos que o enfeita de diversas formas e conta para todos ao seu redor o quanto ama ter nascido do jeito que nasceu. Outro exemplo é o livro **Uma História Mais ou Menos Parecida** (2013), de Márcia Paschoallin, que reconta a história da Branca de Neve, de uma forma diferente, pois a princesa desta obra tem pele negra, cabelos crespos e seu respectivo nome é Pérola Negra.

Miriam Alves, Geni Guimarães, Kiusam de Oliveira, Márcia Paschoallin, entre outros, revolucionam o panorama da literatura infantojuvenil brasileira. Elas criaram, segundo a professora Luciana Silva (2014, p.11), “um público-leitor crítico, sensível às diferenças que, se antes eram motivo de discriminação, tornam-se, agora, elo de uma corrente que colore o nosso país, um Brasil pluriétnico”. Como a pedagoga Godoy aponta (2019, p.11), “essas narrativas que retratam de forma positiva a infância negra feminina são de grande valia pois a criança negra leitora é inserida no espaço ficcional da ancestralidade, do contato com os avós contadores, da recriação das histórias e da possibilidade de concretização dos sonhos”, o que torna a sua existência indispensável.

4 RESULTADOS

4.1 Representação da Infância em Narrativas de Miriam Alves

Miriam Alves é uma escritora paulista que nasceu em 6 de novembro de 1952. Além de possuir mais de 39 anos de carreira como escritora, é também assistente social e professora de canto. Miriam começou a escrever aos 11 anos de idade, mas foi em 1983 que publicou o seu primeiro livro, **Momento de Busca**, uma coletânea de poemas. Ela é uma escritora que marca a sua voz de forma particular na literatura brasileira, explorando em suas narrativas as suas raízes e a ancestralidade, fornecendo uma atenção especial à infância negra feminina. Pode-se observar tal argumento nos livros **Maréia** (ALVES, 2019) e **Mulher Mat(r)iz** (ALVES, 2011).

4.1.1 Representação Da Infância Em Um Só Gole

Em **Mulher Mat(r)iz** (ALVES, 2011), Miriam reúne diversos contos escritos ao longo de 23 anos, são narrativas que são contadas por diversos pontos de vista e suas histórias não estão interligadas. Um de seus contos, “Um só Gole”, argumenta que a infância é o momento em que conseguimos formar a nossa identidade, mas que muitos não conseguem enxergar isso. A narrativa retrata a história de uma mulher que decidiu abandonar seu cabelo afro devido aos preconceitos sofridos na infância.

Me lembrei da música famosa de carnaval: ‘Nêga do cabelo duro, qual o pente que te penteia’, me envergonhei de ser o que eu era: ‘Maria Pretinha’, me lembrei do que ouvia quando era criança e peguei uma chapinha e passei no cabelo. (ALVES, 2011, p.82.)

A protagonista sem nome encontra-se num denso drama interior por não conseguir se aceitar do jeito que nasceu. Parece ser um projeto desta narrativa a revelação de como as experiências da infância importam para a formação do caráter de seus personagens, já adultos. A protagonista é constantemente bombardeada por pensamentos suicidas que são acompanhados por lembranças negativas de sua infância. Em outro trecho, conseguimos observar com mais clareza o quanto as

experiências vivenciadas pela protagonista na infância influenciaram quem ela se tornou na vida adulta:

Quando foi que comecei a ausentar-me de mim? Quando? Quando foi que me abandonei ao curso inquieto dos fatos? Quando iniciou minha viagem sempre rua abaixo? Quando? Não sei... Quem sabe, foi quando eu me arrastei aos pés de Ergos. Ergos, professor da escola Municipal do Mandaqui. Ele tinha como prática organizar pecinhas de teatro para as crianças representarem nas datas comemorativas. Nas datas da Abolição da Escravatura, eu fui a escrava que suplicava para não apanhar a chicotes. Pela ocasião do Natal, Ergos iria representar o nascimento de Jesus. Na escolha dos personagens, eu escolhi ser Maria. Foi um riso só, ria o professor, e depois ria os meus colegas, todo mundo ficou rindo. Eu não entendi, fiquei olhando todos e o professor tentou me convencer a fazer o papel de camponesa, mas eu falei: 'Não! Eu quero ser Maria, eu quero fazer a mãe de Jesus', mas aí Ergos disse: 'Maria não pode ser da sua cor, Maria não é negra', chorei que soluzei, os meus colegas faziam um coro dizendo 'Maria não é preta, é Nossa senhora, Maria não é preta, ela é a mãe de Jesus' (ALVES, 2011, p.82).

Esse trecho leva o leitor a compreender as consequências da ausência da diversidade nas narrativas e nas artes em geral, pois a predominância da representação da personagem Maria, mãe de Jesus, como uma mulher de pele clara, resultou no evento traumático vivenciado pela protagonista. Miriam relatou de forma sucinta as consequências que os estereótipos criados pela sociedade causam nas minorias. Levando o leitor a idealizar que se o professor tivesse tido uma infância construída de uma forma diferente, com uma sociedade com mais diversidade, o seu posicionamento naquele momento da peça poderia ter sido totalmente diferente. Essa atitude provavelmente influenciaria as crianças que estavam ao redor, presenciando aquela cena, pois uma das formas de aprendizagem é a imitação dos adultos, fazendo com que as crianças reproduzam estes tipos de comportamentos. A narrativa se encerra relatando o quanto o trauma vivenciado pela protagonista na infância deixou rastros em sua vida:

A todo vapor, tratei de amassar a rebeldia de meus cabelos. Neste momento, ouvia aquelas vozes: 'há, há, há, ela quer ser Maria,

mãe do nosso Senhor'. Tentando apagar o vozeiro, alisava os cabelos. Alisava-os. Esticava-os, até não mais poder. Eu sabia, junto com os cabelos, esticava a revolta. Domava minha consciência. Domava minha tolerância (ALVES, 2011, p.83).

Levando o leitor a compreender através da narrativa o quão importante é uma infância positiva, seja ela negra ou branca, feminina ou masculina.

4.1.2 Representação da Infância em Maréia

Em **Maréia** (2019), Miriam Alves retratou a falta de autonomia da criança, fosse ela escrava ou não, pois enquanto as crianças negras sofriam tendo a sua liberdade privada e sendo obrigadas a dedicar sua infância e vida a trabalhos escravos, as crianças brancas nobres eram obrigadas a viver a sua vida em prol dos interesses da sua linhagem, necessitando corresponder a expectativas sociais inegociáveis. Na narrativa, faz-se presente o paralelo entre dois mundos distintos. De um lado, a família tradicional e infeliz dos Menezes de Albuquerque, representando a infância branca masculina e, de outro, a empoderada, ancestral e feliz família Santos, representantes da infância negra feminina.

Maréia traz a primeira aparição da infância logo no primeiro capítulo, relatando como era, na época, a realidade da infância masculina negra nos primeiros meses após a abolição da escravatura. O tráfico de pessoas ainda estava em alta, mas de forma mais sigilosa e, quanto mais escravos de forma ilegal um homem tivesse, mais forte ele era considerado. O mercado de escravos dava prioridade a crianças negras do sexo masculino que não tinham direito a ser criança. A criança negra era considerada uma mercadoria e quanto menos soubesse sobre o lugar e o idioma das pessoas com quem trabalharia, melhor, pois isso dificultaria a sua interação. Quanto mais nova a criança fosse, mais valiosa ela era. Se fosse vista brincando ou fazendo algo que não o trabalho, receberia os mesmos castigos que homens adultos.

A meia distância, dois meninos da Guiné, com idade aproximada de doze anos, adquiridos a bom preço, o seguiam transportando pesados fardos com produtos de lucros certos, que logriam o seu intento em se transformar o usurpador de outrora no prestigioso comerciante, adquirindo influência dia a dia na província,

que na chegada, equiparou a um lugar do inferno. Na sua propriedade ordenou com gestos aos negros, que não entendiam sua língua, que armazenassem as compras no armazém e lá ficassem (ALVES, 2019, p.14).

No capítulo intitulado “Herdeiro”, conta-se com mais detalhes a vida de Alfredo, herdeiro da família Menezes de Albuquerque. Um menino branco nobre que tem sua infância contrastada com a infância equilibrada de Maréia, a menina negra protagonista. Alfredo é impedido de demonstrar sentimentos, tornando-se uma criança cheia de conflitos e, posteriormente, um adulto angustiado, frio, solitário e problemático. Alfredo cresce sem amigos e passa toda a infância seguindo as ordens de seu avô, buscando sempre esconder o que sentia, pois qualquer demonstração de que era sentimental poderia arruinar tudo e o tornar indigno de assumir os negócios da família.

Alfredo possuía uma série de angústias e hesitações adquiridas durante a infância e induzidas pelo avô paterno Afonso Menezes de Albuquerque, que, por qualquer motivo, falava em voz alta: “Você é um Menezes de Albuquerque, nunca se esqueça disso, temos muita história pra contar, honre!” (ALVES, 2019, p.20). Ouviu essa frase pela primeira vez aos sete anos, quando voltou chorando da escola porque tinha sido chamado de mulherzinha pelos meninos mais velhos. Ele queria ser reconfortado pelo avô, no entanto, calou o choro. A partir daquele dia, considerou os sentimentos como fraqueza e nunca mais os demonstrou, para ser digno de assumir a herança do patriarca.

Enquanto a infância branca masculina era vista como um momento em que os meninos eram preparados para assumir os negócios de sua família, a infância branca feminina era vista com fragilidade e as meninas cresciam com funções limitadas, tendo como desafio o objetivo de se tornarem a esposa perfeita. As crianças brancas do sexo feminino eram ensinadas a cuidar da casa, a comandar os seus empregados e a ser uma boa mãe. As meninas tinham total liberdade para expor seus sentimentos, contanto que eles não as desviassem do seu verdadeiro propósito de existência, diferente dos meninos, que sofriam diariamente pressões psicológicas e até físicas para não demonstrar como se sentiam. As jovens mulheres eram vistas pelos seus patriarcas como uma moeda de troca, ou simplesmente algo temporário, que eles tinham ciência de que, quando a maioria chegasse, elas deixariam os

seus aposentos para se tornarem o que foram criadas para ser.

Veja bem! Menina é diferente, pode ficar de paparicos. É mais sensível, chora fácil. Só precisa ser dona de casa, saber comandar um lar, procriar e nada mais. Se você não conseguir educá-la nesses moldes, vou providenciar um colégio, ainda existem uns bons, no velho estilo, mesmo que seja em outro país... (ALVES, 2019, p.42.)

Já sobre a infância feminina negra descrita na narrativa, as meninas eram vistas sem muita utilidade, só serviam para trabalhos pequenos. Logo depois que a escravidão se tornou ilegal, elas conseguiram sair do foco dos grandes senhores de posse, que procuraram priorizar a procura por homens e meninos negros, reservando às meninas indiferença, porém também mais liberdade.

Maréia cresceu livre em uma pequena vila de pescadores formada apenas por pessoas negras que conseguiram se livrar da escravidão. A protagonista passou a infância brincando livremente em seu vilarejo, acompanhada de outras meninas negras que brincavam ao som de músicas e de histórias contadas por seus ancestrais. A avó de Maréia, Dorotéia, chamada carinhosamente de vó Déia, ensinava a Maréia tocar instrumentos musicais tendo como base as histórias de seus antepassados, fazendo com que a menina crescesse feliz e esperançosa, acreditando que os seus deuses estariam lhe preparando um mundo melhor. Talvez por isso a autora tenha escolhido o sobrenome Santos, buscando representar, através dele, a religiosidade presente na construção dos personagens.

Dorotéia, com orgulho, incentivava a neta, afirmava que aqueles que têm inclinação musical são atraídos pelos instrumentos, uma espécie de magia divina, contava sobre familiares de gerações precedentes com vocação e talento, que traziam a musicalidade nas veias, para dizer o que lhes repercutia na alma, através do canto, ou criando objetos sonoros. (ALVES, 2019, p.28.)

No entanto, a infância feminina negra pós-escravidão se limitava aos limites da vila em que cada uma morava e sair dali poderia ser perigoso. Os únicos autorizados a sair dos vilarejos eram os homens negros, chefes de família que usavam a pesca para sobreviver. Em decorrência disso, passavam noites à deriva,

em busca de alimentos para suas famílias e também para trocar por outros suprimentos. A infância dessas crianças sofria a ausência dos homens, fossem eles seus pais ou seus avós, que tinham que sair para trabalhar e só voltavam meses depois. Eles não tinham uma figura paterna para se espelhar, então as maiores influências dessas crianças eram suas avós, tias e mães. No caso de Maréia, era a sua avó Déia, que nunca permitiu que ela tivesse uma infância triste, contando sempre para a protagonista as histórias de seus antepassados com detalhes sobre sua ascendência para que (2019, p.72.): “a memória não esmaecesse na bruma branca do esquecimento”.

A avó, um verdadeiro relicário de lembranças, aguçava a curiosidade da neta, que desde criança, inquiria-a sequiosa em inteirar-se dos pormenores das histórias cifradas em metáforas. Mas, desta feita, com a brisa da tarde como testemunha, vó Deia não relutou em contar-lhe as minúcias. Diante do espanto mal disfarçado de Maréia, a velha mulher vaticinou: ‘O que é dos seus, aos seus voltará.’
(ALVES, 2019, p.72).

A Avó de Maréia foi a sua maior inspiração. A influência marcante na infância e na adolescência da protagonista, que fez com que ela se tornasse uma mulher esperançosa e corajosa. Graças aos ensinamentos de Dorotéia, Maréia teve uma infância diferente da de seus demais colegas de vizinhança.

Maréia, aninhada como um pássaro, tendo os cabelos encaracolados atacados, sentia-se confortada e com esperança no futuro, ouvia as confidências das viagens oníricas da matriarca e histórias da escravidão ilegal que acabou meses antes dela nascer. As palavras a embalavam, tocavam os seus sentidos, gerando ondas sonoras, que repercutiam como notas musicais, linhas melódicas que a inspiraram a compor. Dormiu abrigada no colo da avó, como sempre fazia na infância, sonhou e trilhou nos sonhos os caminhos da ancestralidade (ALVES, 2019, p.27).

Maréia curtiu cada pedaço da sua infância e tomou a decisão que muitas crianças negras que passavam pelas mesmas lutas que ela não tiveram. Maréia saiu do seu vilarejo, enfrentou seus medos, foi para um lugar em que não conhecia ninguém, venceu os preconceitos, não abriu mão da sua identidade e se tornou uma

das melhores artistas do seu tempo, tudo graças a grande influência da sua avó, ganhando muito mais do que um título, mas também se tornando uma inspiração para todas as crianças negras e pobres que passaram pelas mesmas dificuldades que ela.

Os demais convidados sem laços de amizade ou parentesco foram surpreendidos pelas características físicas das artistas, que não faziam parte dos padrões estéticos costumeiros da região, julgando, eles aplaudiam educadamente, sem nenhum entusiasmo. Porém foram arrebatados pela leveza e elegância das musicistas que ao comando da maestrina Maréia tocavam os seus instrumentos. E naquele momento Maréia se lembrou de quando era criança e sua avó com orgulho a incentivava, afirmando que aqueles que têm inclinação musical são atraídos pelos instrumentos em uma espécie de magia divina (ALVES, 2019, p.162).

Enquanto a infância branca masculina representada por Alfredo foi vivenciada em um sistema patriarcal fechado, opressor e abusivo em que o personagem foi obrigado a seguir aquilo que já estava pré-determinado, sem o direito de escolher o que desejava, a infância negra feminina foi descrita como uma infância positiva a partir da experiência de Maréia, que conseguiu escapar do destino que estava predestinada a ter. Alfredo se tornou um adulto problemático e infeliz enquanto Maréia se tornou uma mulher empoderada e feliz vivendo em conexão com a música e suas crenças, sendo bem sucedida em tudo o que buscou.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se dizer que o olhar atento à criança é realizado por Miriam Alves em pelo menos duas de suas obras, observando-se o fato de que a autora utiliza a inversão de papéis quando descreve a infância feminina negra e a infância masculina branca, caracterizando a infância feminina negra como uma experiência positiva e feliz, enquanto a infância masculina branca se desenvolve em um sistema opressor e abusivo.

Miriam buscou em suas obras recontar as histórias de seus ancestrais, Instituto Federal de Pernambuco. Campus Cabo de Santo Agostinho. Curso Tecnólogo em Hotelaria. 09 de Setembro de 2022

ressaltando o quanto a infância é uma etapa da vida de extrema importância para a formação de nossa identidade. Em seus livros, narrou histórias de mulheres negras como mulheres empoderadas, felizes e bem-sucedidas, concedendo a elas protagonismo, que costuma ser cedido a personagens de classes privilegiadas. A autora rompe, assim, com estereótipos negativos associado aos negros, sem deixar de tratar de problemas específicos das pessoas negras, tornando suas obras, para além do mérito artístico, de grande valia na sociedade por um todo.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Miriam. **Mulher Mat(r)iz**. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.
- _____. **Maréia**. Rio de Janeiro: Malê, 2019.
- ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- COSTA, Jessica. A representação da identidade feminina em Maréia, de Miriam Alves. **Revista Nau Literária**, n° 12, 2020.
- CUNNINGHAM, Hugh. **Children and Childhood in Western Society since 1500**. New York: Longman, 1995.
- DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das Crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2000.
- GÉLIS, Jacques. A Individualização da Criança. In: CHARTIER, Roger (Org.). **História da Vida Privada 3: da Renascença ao Século das Luzes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- LIMA, Luiz Costa. **Mímesis e Modernidade: formas das sombras**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- SILVA, Luciana, SILVA, Kátia. O Negro na Literatura Infantojuvenil Brasileira. **Revista Thema**, n° 8, 2014.
- GODOY, Maria Carolina. Era uma vez... Infância, Representação e Afrobrasilidade no Reino da Literatura Infantojuvenil. **Revista Revelli**, Vol. 11. 2019.
- MACHADO, Ana Maria. **Menina Bonita do Laço de Fita**. Rio de Janeiro: Átila, 1980.
- OLIVEIRA, Kiusam. **O Mundo no Black Power de Tayó**. São Paulo: Peirópolis, 2013.
- PASCHOALLIN, Márcia. **Uma História Mais ou Menos Parecida**. Juiz de Fora, 2013.
- SILVA, Frederico Machado. **Sobre o Mundo da Ficção**. Recife, 2013